

QUILOMBANDO NAS MATAS: PLANTAS UM CONHECIMENTO ANCESTRAL

Marlene Pereira Dos Santos¹

RESUMO

Este artigo é parte de dissertação de mestrado em educação, onde estudei a história e a memória da Comunidade de Quilombo de Alto Alegre, situada no Município de Horizonte, região próxima à Fortaleza capital do Ceará. As comunidades de quilombo no Ceará passam por um reconhecimento recente, quase uma centena dessas comunidades são reconhecidas pela Coordenação Regional das Comunidades Quilombolas do Ceará (CERQUICE) e mais de 30 certificadas pela Fundação Cultural Palmares. As comunidades estão em um intenso processo de mudança condicionadas pelas dinâmicas econômicas, populacionais e políticas do estado. Este trabalho busca entender e valorizar uso das plantas medicinais como prática ancestral desenvolvidas no quilombo de Alto Alegre, para a promoção da saúde, mesmo tendo hoje os fármacos. Então foi através de uma pesquisa participante com base na oralidade africana, que realizei entrevistas e vivências com as senhoras chamadas de raizeiras, essas fazem alguns preparos à base de ervas, e são muito procurados. Um dos aspectos do estudo realizado foi sobre o patrimônio cultural, material e imaterial, dessa comunidade. Dentre os aspectos importantes temos o conhecimento sobre as espécimes de plantas, as ervas medicinais utilizadas para promoção da saúde segunda a tradição passada, ligada ao tempo que as pessoa não iam ao médico e os partos eram feitos em casa. Existe a cultura do benzer as pessoa e ter hábitos de tratamentos tradicionais. Apresento o cultivar as plantas medicinais e guarda os conhecimentos junto com a medicina moderna.

Palavras-chave: Quilombo. Comunidade de quilombo. Plantas medicinais. Patrimônio cultural.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como foco explicitar valores ancestrais, tais como o uso das plantas como medicina tradicional, também chamadas de medicina popular. Essa pesquisa foi realizada na comunidade quilombola de Alto Alegre, que se localiza a 30quilometro de Fortaleza capital do Ceará.

¹Universidade Federal do Ceará – UFC. Programa de pós-graduação em Educação.

Na minha pesquisa com comunidades quilombolas, venho trabalhando patrimônio cultural, patrimônio material e imaterial, isso partindo do local onde se encontra, porém se eu chegar à comunidade e perguntar: quais os patrimônios culturais

[Digite texto]

que existem lá me responderam que não tem, ou não sabem. E saberão menos ainda o que é patrimônio material e imaterial. Mas se eu perguntar quem toma remédio caseiro, o qual chamamos de medicina tradicional/popular, logo todos (as) terão uma experiência para contar.

Então quilombando pelas veredas das matas quilombolas, busquei os legados culturais enraizados nestas terras, terras onde se planta sabedoria, e nascem as plantas medicinais, ou são plantadas, variam de nomes, e são usadas de varias formas, como chá, xaropes, lambedor, garrafadas, e todos esses manipulados por mãos calejadas, porém sabias eficaz no fabrico desses fármacos naturais.

Assim trago os saberes das matas nas folhas de Ossaim, através das mãos das senhoras que ainda hoje mesmo com a medicina moderna, ainda usa as plantas para a cura da população da comunidade quilombola. Então enveredei pelo quilombo, buscando entender, conhecer uso das plantas medicinais como prática ancestral desenvolvidas no quilombo de Alto Alegre.

Para realizar o estudo, realizei uma a pesquisa participante, fiz entrevistas semi-estruturada, também tivemos longas conversas sobre uso da medicina com base nas plantas, as conversas deu se nos quintas, em alguns trechos da mata, conheci folhas, raízes, e aprendi um pouco sobre como manipulá-las para a cura.

Então foi através de uma pesquisa participante com base na oralidade africana, que realizei entrevistas e vivências com as senhoras chamadas de raizeiras, essas fazem alguns preparos à base de ervas, e são muito procurados tanto pela população quilombola quanto pelos visitantes da circunvizinhança, e até visitantes de Fortaleza.

O presente artigo aborda o uso das plantas: saberes ancestrais e bem-estar; Dona Sousa e a medicina de base africana; Plantas medicinais tradicionais encontradas no quilombo e sua representatividade. E as considerações finais.

1. Uso das plantas: Saberes ancestrais e bem-estar

Os conhecimentos da cultural de base africana no passado foram fundamentais para as populações, e um dos seus importantes conhecimento; o uso das plantas na medicina tradicional devido à ausência de assistência médica, assim estão os saberes ancestrais de base africana se mistura nas trilhas indígenas chegando aos quilombos,

[Digite texto]

sendo ainda hoje uma forma de resistência, de cuidados e medicina que para promover o bem-estar da população, senhora como dona Sousa fazem em sua casa remédios a base de plantas.

Mas a prática da medicina ancestral de base africana, sofre ameaças de extinção, por conta dos laboratórios químicos farmacêuticos e também pelas campanhas das igrejas evangélicas contra a cultura negra, tida como credice e confundida com a bruxaria europeia (NOGUEIRA, 2004). Mas quando compra se medicamento nas farmácias naturalistas, nas farmácias de manipulação muitos são à base de plantas, porém ninguém diz que é credice, porém a medicina tradicional que promove o bem-estar sem grandes custos financeiros, e é de fácil acesso par os quilombola, pois é só ai até a casa da Sousa, falar o que sente, e logo ela tem uma receita caseira, dos ensinamento transmitido pelo seu pai, mas alguns evangélicos querem acabar com a medicina tradicional, com ousos das plantas medicinais, por conta de seus preconceitos.

No entanto a medicina chinesa, a medicina holística vem promovendo cura, bem-estar físico e mental através do uso da medicina tradicional, assim percebe esses saberes como elementos para a promoção da saúde, mesmo tendo hoje os fármacos da medicina tida moderna. Então sigo quilombando das raízes, das folhas, enfim quilombando.

Entretanto como vi nas andanças pelas comunidades quilombolas, algumas coisas como a medicina tradicional ainda existem e têm importância para a população de Alto Alegre e para comunidade vizinha, a comunidade quilombola da Base.

Encontramos no quilombo, forte e viva a presença da medicina tradicional, seu uso é praticado por maior parte da população do quilombo, e não é por falta da medicina dita moderna. É por acreditarem, é por valorizarem e respeitarem os saberes ancestrais, e principalmente por que através da medicina tradicional, que chamamos de medicina de base africana, os quilombolas são beneficiados com bem-estar, o estado de saúde alcançado por meio dos medicamentos naturais a base de plantas, esses medicamentos são manipulados pelas sabias mãos de senhora quilombola.

E eu também fui beneficiada com o uso do lambedor, do mel, e chá, feito no quilombo, assim ajudando na promoção da minha saúde, ou seja do bem-estar.

2. Dona Sousa e a Medicina de base africana

[Digite texto]

Os conhecimentos da tradição cultural de base africana no passado foram fundamentais para as populações devido à ausência de assistência médica e estão sendo perdidos por vários motivos, sendo o principal a existência de hospitais e médicos do sistema público de saúde e também pelas campanhas das igrejas evangélicas contra a cultura negra, tida como crendice e confundida com a bruxaria européia (NOGUEIRA, 2004). Entretanto como vamos ver neste estudo, algumas coisas ainda existem e têm importância para a população de Alto Alegre e para comunidade vizinha da Base, elementos importantes como o uso das plantas medicinais, enquanto medicina tradicional. O título de medicina de base africana vem do livro de Maria Camargo (CAMARGO, 1998) onde está classificada a maioria destas plantas como de medicinais e de ritual afro-brasileiro.

Quando perguntamos sobre a existência da tradição da cura pelas ervas medicinais várias pessoas nos indicaram dona Sousa e quem nos acompanhou a sua casa foi a Lena. Seu nome é Maria de Sousa Belmino, tem 51 anos de idade, aprendeu com o seu pai a manipulação das ervas medicinais, (SANTOS, 2012), ela hoje manipula medicamentos variados como: xarope, lambedor (espécie de xarope), mel de plantas, garrafadas (composto de várias plantas para uso das mulheres). Também ensina como fazer chás para vários tipos de mal estar; chás para dor de barriga, para cólicas menstruais, regular o fluxo menstrual, gripe, banhos para aliviar dores de cabeça, para curar resfriado, dentre outros.

A mesma não tem sucessora visto que o filho não se interessa pelas plantas e ela não conseguiu ninguém para transmitir os conhecimentos. A mesma afirma que está disposta a transmitir os conhecimentos a quem se interessar bastando para conseguir o aprendizado vir passar uns dias em sua casa e acompanhar o preparo dos produtos de cura.

A nossa conversa com ela foi andando pelo quintal da casa e ela mostrando as várias plantas, fazendo comentários sobre a forma de preparo dos chás e lambedores e contra quais males se utilizam. Para efeito de registro optamos por fotografar as plantas e também fazer uma tabela sobre elas, procurando outras informações na literatura, tais como o nome científico das plantas apontadas. As visitas à casa da dona Sousa aconteceram em três ocasiões, sendo que algumas plantas vistas na primeira ocasião não

[Digite texto]

estavam disponíveis nas visitas subsequentes, sendo assim nem todas as plantas citadas por ela foram catalogadas e fotografadas.

A nossa conversa começa com ela falando das plantas que mais utiliza:

Raiz de pega-pinto, algodão, alfavaca, mastruz, babosa, urucu, anador, colônia e outras.

Sobre como aprendeu a lidar com as plantas ela nos diz:

Era o papai que fazia remédio, toda vez que ele ia fazer, eu fica ali curiando, então ele disse: é assim minha filha eu vou lhe ensinar, que é pra quando eu morrer você ficar no meu canto fazendo medicamento, assim eu fiquei.

Da mesma forma que ia mostrando as plantas também se propunha a ensinar os usos:

Vou mostra uma receita de lambedor (uma espécie de xarope):

Bota o agrião, alfavaca e a babosa, tira a casca de cima e bota só o miolo, junta tudo, bota no fogo, quando ele secar , abaixar mais a água, você pega, coa, ai bota o açúcar, deixa apurar, esse é um lambedor. E ele serve pra tosse, pra garganta, pra inflamação, serve pra tudo.

Outro lambedor, pode usar outras plantas, como o agrião, alfavaca, urucum, babosa e mastruz; descasca do urucum e lava os outros todos, podo no fogo pra cozinhar, depois do fogo coar tudo, bota açúcar e bota de novo no fogo pra apurar, ai fica o lambedor.

Dona Sousa continua na sua explicação a falar de outros tipos de remédios que prepara.

Faço a garrafada, faço do mesmo jeito, uso o cabelo do milho que serve pro estômago, serve pra gastrite, também é bom a malva santa, com tudo isso faz a garrafada. Mas quem não quer tomar a garrafada, é só pegar umas duas folhinhas de malva santa, passar no liquidificador e toma.

Na fotografia da figura numero 01 temos as plantas usadas na garrafada.



Sousa mostrando as ervas que usa para garrafada. Fonte: Marlene P. Santos, 2011.

Perguntei se existia durante o preparo dos medicamentos alguma reza ou evocação.

Não, é só mesmo o preparo com as ervas, pois eu já sei que é bom mesmo; eu me curo com isso ai também.

Também quis saber se todas as ervas que utilizava estavam ali plantadas no seu quintal.

Tem alfavaca, terramicina, meracilina, tudo é bom pra inflamação. E têm anador, vassourinha, romã.

Além desta têm pião-roxo, comigo ninguém-pode.

Pego no mato, pego vassourinha, quebra-pedra, pepaconha, também arranco chanana, carrapicho, mas também tenho outras plantas que não mostro pra todo mundo não, por causa dos oi rum (olhos), sabe a arruda fica escondida neste lugar porque não é todo mundo que pode ver arruda, porque tem gente que tem oi rum, e arruda é contra inveja; mas vou te mostra.

Então andamos até o fundo do quintal, onde Sousa me mostra um cantinho reservado, espécie de cercadinho, com varetas e pedaços de madeira. A foto da figura nº 02 mostra o cercadinho onde é cultivadas algumas das plantas, esse cercadinho se

[Digite texto]

localiza dentro do quintal da casa da Sousa. É um reservado no quintal, lá ficam algumas plantas que não devem ficar exportadas, com o caso da arruda.



Local chamado de cercado, onde é plantado algumas plantas medicinais; fonte: Marlene P. dos Santos, 2011.

Lá dentro só cabem duas pessoas, entramos e ela vai me mostrando e dizendo para que serve cada uma das ervas, essas são:

Arruda serve para dor, quando tá com dor de cólica, a gente tira três palminhas dessas bota num copo, verve a água e faz abafado (infusão) e toma, a dor vai embora.

-Agrião, -Manjericão – serve pra dor de ouvido. –Malva risco. -Malva-santa – serve pra dor de estômago, faz chá ou passa no liquidificador e toma. – Anador.

Mostro algumas das plantas medicinais encontradas no quilombo de Alto Alegre, plantas usadas na medicina tradicional, plantas como:

[Digite texto]



Alfavaca - Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Anador - Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Malva santa - Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Meracilina - Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Essas plantas são usadas para combater diversos males, e tanto são usadas na medicina tradicional como na medicina moderna, nessa seu uso dar se por meio dos laboratório químicos. Então aqui trago alguns exemplos de plantas e indicações: Alfavaca _ é usada para fazer chá p/ renite, sinusite, etc, também é utilizada em banhos. Medicinal e religioso, Anador _ faz se chá para dor de cabeça e outras dores, Malva, ou malva santa é indicada para dor no estômago, também o lambedor feito da folha e é indicado para tosse e dor de garganta, - Meracilina - o chá é usado como antiinflamatório; eis alguns exemplos, mas são muitas plantas com usos variados, isso é saberes ancestrais que estão presentes na comunidade de Alto Alegre, também em outras comunidades quilombolas, também indígena, e Como nos mostra Eduardo de Oliveira (2003) os valores sociais africanos estão ligados à ancestralidade, à família e à comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostra a existência da continuidade e uso da cultura ancestral das plantas medicinais e da medicina tradicional nesta comunidade de quilombo. O registro fotográfico realizado e os depoimentos colhidos permitem uma comparação e classificação das plantas com outras fontes. Mesmo com acesso à medicina formal e à existência da medicação da farmácia os conhecimentos ancestrais são sempre muito requisitados e respeitados. A medicina fitoterapêutica de quilombo tem o seu lugar na sociedade atual e a memória da dona Souza apresenta a preservação da medicina tradicional.

Embora as condições de vida, meios de comunicação e informação tenham alterado em muito a vida da comunidade nos últimos 20 anos, sendo que a comunidade de Alto Alegre passa de totalmente rural a condição de bairro rural, próximo à cidade, devido à expansão desta, limitada em suas terras pela implantação da rodovia e do canal do trabalhador, dependente da cidade para parte dos empregos assalariados, sofrendo a modificação da profunda redução da produção de farinha e das roças de mandioca, a medicina tradicional ainda está muito presente e não foi abolida pela medicina dos médicos e a farmácia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do trombetas. Guardiões de matas e rios.** Belém: Cejup/UFPA, 1998.

CAMARGO, Maria Thereza de Arruda. **Plantas Medicinais e de rituais afro-brasileiro.** São Paulo: Cone Editora, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. Patrimônio imaterial: conceito e implicações. *IN:* TEIXEIRA, J. ET ALII (org.). **Patrimônio Imaterial, Performance Cultural e (re) Tradicionalização.** Brasília: UNB. 2004.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História.** Bauru-SP: EDUSC, 2004.

NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. **A festa negra na Bahia: do medo à apoteose.** Revista de Cultura e Turismo. Cultura. Ano 02, número 01 – jan/2008. <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao2/artigo6.pdf>

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente** - Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Incursões na História e Memória da Comunidade de Quilombo de Alto Alegres -Município de Horizonte -CE**. Fortaleza-CE: Mestrado em Educação. UFC. Ano de Obtenção: 2012.